

Quem olha a maré de francofobia atualmente em curso nos Estados Unidos desespera de encontrar qualquer lógica nestes dias tumultuados. A hostilidade começa com piadas (Pergunta: O que são cem mil homens com as mãos para o alto? Resposta: O exército francês), passa por evocações do passado ("Nós defendemos vocês durante a Segunda Guerra") e chega ao tradicional boicote: de produtos, como o vinho Beaujolais, a água mineral Perrier, os croissants. Não se pode mais usar expressões em francês ou que lembrem os franceses, se bem que, numa especial concessão, o "french kiss", beijo na boca, tenha sido mantido. E, coincidência ou não, o filme de Spielberg, Prenda-me se for Capaz, com Leonardo Di Caprio, dá uma imagem patética da polícia e de uma prisão na França.

Escrevi o texto acima aqui em ZH no dia 25 de fevereiro (não que eu tenha boa memória: o computador, bendito seja, é que guarda tudo). Essa maré de francofobia era então explicável: os Estados Unidos estavam prestes a invadir o Iraque, e a França recusava o apoio para a aventura. Cinco meses se passaram, o Iraque foi invadido, mas o boicote americano continua: as importações de produtos franceses diminuíram em 20%.



E eis que a França dá o troco. O Ministério da Cultura daquele país anunciou a proibição da expressão "e-mail" em todas as repartições, documentos, publicações e sites (será que o nome ainda é "site"?) do país. Os franceses deverão usar a palavra "courriel", que é uma fusão de "courrier électronique". A medida, como era de se esperar, já está provocando polêmica, inclusive na própria França. E-mail é uma palavra praticamente universal; mas quantos brasileiros saberão o que é "courriel"?

Atrás dessa controvérsia há uma outra briga. Idioma é poder. Se usamos tantos anglicismos, é porque o inglês é a língua do império do nosso tempo, o império americano. É uma hegemonia econômica, militar e cultural, o que gera não poucos protestos. Mas esta, convenhamos, não é uma história nova. O Império Romano dominou, e oprimiu, o mundo durante muito tempo, mas isto não impediu que o

Se usamos tantos anglicismos, é porque o inglês é a língua do império do nosso tempo, o império americano. É uma hegemonia militar, econômica e, claro, cultural

A guerra dos idiomas



latim tivesse sido, até a Renascença, a língua franca que permitia comunicação entre pessoas de diferentes origens. E também não impede que falemos o português, que não passa, afinal, de um latim popularizado. Policarpo Quaresma, o personagem de Lima Barreto, queria passar uma lei tornando o guarani o idioma brasileiro. Mas os ancestrais dos guaranis também vieram de outras regiões. Para sermos rigorosamente autóctones, deveríamos falar a língua da paca, do tatu, do tamanduá (do papagaio não, porque eles também usam o português para suas sacanagens). Além disso, nem todos estão de acordo com Policarpo Quaresma. Segundo a Folha de São Paulo, no ano passado a Anatel levantou dúvidas sobre a legalidade de um programa radiofônico de Campo Grande (MS) transmitido em nheengatu, a chamada língua geral dos indígenas. Será que até nheengatu pode ser ilegal?

Se rejeitarmos os anglicismos, também teremos de rejeitar os galicismos – frequentes, porque, numa época, a cultura francesa era muito influente aqui. "Chance", por exemplo, é galicismo. "Dossiê" é galicismo. "Pose" é galicismo. E assim muitos outros termos banais ("banal", aliás, é galicismo).



Sim, idioma é poder. George Orwell demonstrou-o muito bem; no pesadelo totalitário que é 1984, o big brother fala aos cidadãos usando o "Newspeak", a "Novolíngua", pelo qual a verdade simplesmente passava a ser mentira.

Os poderes brigam, e brigam furiosamente; a invasão do Iraque, que está custando caro aos Estados Unidos, em termos de vidas, de grana, e de credibilidade, mostra isso. A pergunta é se nós, brasileiros, precisamos nos envolver nesta briga, se não temos coisas mais importantes – a fome, o desemprego, a violência – de que cuidar. Respondam, leitores. Por e-mail, de preferência.

A bem da verdade, deve-se dizer que a França também passou por sua fase de americanofobia. Quando o inglês começou a deslocar o francês como idioma internacional surgiu uma onda contra o "Franglais", a mistura de francês com inglês (no Brasil tivemos algo parecido). Houve manifestações contra o MacDonald's – sim, Bové teve precursores.

EMAGRECEER
 UMA QUESTÃO DE ESTILO. UMA QUESTÃO PESSOAL
 Marcelo Kessler, fundador do CREED e autor do livro "Emagreça mudando o Corpo e a Cabeça" lança um novo programa individual de controle do peso: **PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO PARA EMAGRECEER** e convida a abertura de seu novo consultório.
 marque sua consulta pelo telefone (51) 9953.9989

CIRURGIA PLÁSTICA
 Avançada tecnologia de rejuvenescimento facial e plástica nasal sem cirurgia.
BIOPLASTIA ■ FIO RUSSO
Dr. FLAVIO BORGES FORTES
 20 anos de experiência e credibilidade
 Rua 24 de Outubro, 1681 sala 707 - POA/RS
Fone: (51) 3333-5875

estética **MEGA HAIR**
 Técnica da Rede Globo
 Experiência em alto atendimento
 MAISON LAURIEN
 ◆ Keratina Francesa
 ◆ Coloração Avançada
 ◆ Nanoqueratinização (Sistema de Tratamento Profundo)
 Relaxamento energético **BANHO CÔSMICO**
 Compramos Cabelo
 Rua Marquês do Pombal, 1071 - F: 3325-2595